



Galato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V - N.º 131
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
5 de Março de 1949

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

Mais notícias dos nossos irmãos

A GORA, que as coisas vão mais guiadas por Paço de Sousa, com o siso natural de alguns rapazes maduros, agora, digo eu, tenho mais tempo de descansar e vou visitar pobres na cidade, os nossos verdadeiros amigos. Saio e deixo ficar a aldeia povoada de muitas dezenas de rapazes. Vou seguro. Vou por caminhos certos. A Providência vigia. Porquê? Porque vou visitar Pobres; mais nada. Quando Deus é a base, impossível qualquer desmoronamento.

Comecei na Fonte Taurina, passei aos Arcos da Ribeira, subi os Mercadores, entrei na Banharia e saí pela rua do Souto para a cidade que um outro mundo calca! Estava agora na rua do Mousinho da Silveira. Quem conhecer bem o Porto, pode medir, de onde se encontra, a distancia e a posição. Mousinho da Silveira. Dir-se-ia que não são irmãos dos outros, estes homens que agora vejo, — e são. São irmãos. Nunca, que se saiba, usou Jesus deste nome, mas depois de ressuscitado, deu-o aos seus discípulos: *Vai dizer aos meus irmãos que eu ressuscitei.* Mensagem divina confiada a Madalena, a pecadora. O' confiança de todos nós, pecadores!

Eu vinha, como digo, do Barrêdo. Quem tiver passado por ali há meio século em visita aos Pobres, e hoje fizer o mesmo, nota que as coisas se encontram precisamente no mesmo pé. Não se mudou ali uma folha; só que mais quantidade, mais aglomeração. Pior! São casas do tempo das muralhas. Fossem elas ruínas e o mal não seria grande, mas são casas de habitação, — habitadas! Uma vistoria seria de qualquer Autoridade, teria necessariamente de as condenar como tais. Assim, condenam-nos a nós aqueles que lá moram. Não são verdadeiramente eles que nos condenam; é sim a Justiça de Deus que o faz. As almas afeitas à meditação, descubrem estas verdades eternas.

Comecei a visita pelo fundo da cidade; rua da Fonte Taurina. Mal vou a entrar em determinada casa, eis que oiço do lado: *Escusa de subir, aí não morreu ninguém.* Tenho pena. Já assim

era em Coimbra, quando ali visitava Pobres. Falava-se quando eu passava: *Estará por aqui alguém a morrer?! E enquanto me não tornei popular, esta a triste apreciação da rua: Vai ali um padre, temo carne morta!* Nós, por direito e por missão, os semeadores da Vida! Quão afastados, Senhor! Teremos ainda duvidas de quem é o nosso próximo, como parece tê-las tido naquele tempo o doutor da lei? — *Quis es meus proximus?* Ou sabemos quem ele é e passamos à frente? Se tal acontece, não compreendemos o Mandamento Novo. Não somos sacerdotes de Cristo.

Mas eu subi. Cinco andares carunchentos. Subi e topei quem procurava. A saída da porta, um homem que passava, quiz-me limpar a capa: *Olhe que vai todo sujo,* disse. E ele mesmo a limpou. Agora estou no Largo da Ribeira, ao fundo de S. João. O espanto recrudescer: A'quela hora, é ali uma feira de almas. Eu não oiço nem vejo. Trago os olhos magoados das vistas do quinto andar.

Dirigi-me aos Mercadores. A' rua dos Mercadores. Sabia ali de um outro doente. *Cautela,* exclama uma mulher que chega de fora e me encontra no primeiro degrau. *Cautela, senhor abade.* Correu voz no prédio e saem candieiros dos cubículos: *Agarre-se bem ó corrimão.* Ali querem bem ao visitador dos pobres. Entrei no que se diria os aposentos. E' um picheleiro. Faço perguntas, mas soube muito pouco. A manta de tiras cobre um vulto. Não descobriu a cara. Não acredita nos homens. Quem nos há-de perdoar a nós, Senhor! Estou de novo na rua. Subo rasteirinho. Faz sol no céu. Nas soleiras das portas, sentam-se figuras doentes. São habitantes de cima, que descem a espaiar. Não é preciso atestado médico para se ficar a saber do seu estado de saúde. A cara o diz.

Vou subindo. Criações. Grupos de crianças enxameiam. Um *tostãozinho*, é a voz que sai de um grupo e este que fala, enquanto pede, esconde a ponta do cigarro nos dedos queimados do fumo. Uma desgraça. A desgraça do *tostãozinho*. Grande para quem pede, maior para quem dá. Mais acima, sai-me um garoto a pedir um tostão para a mãe que está no hospital, como êle dizia. *E' prà minha mãe que está doente no hospital.* A mentira. A senhora mentira. Agora vem um rufia, coloca-se à minha esquerda e sobe a rua mais eu. Homem bem posto, muito sabido, falas doces, maneiras adequadas. *Eu ando desempregado.* Assim começa êle a mentira. Eu deixo falar. Que desfie. Que se estenda. Depois falarei eu. Continua a dar-me notícia da sua devoção aos santos e que nunca perde a missinha aos domingos. Novas mentiras. Mais desgraças. Este começou em pequenino a pedir um tostão para a mãe que está doente, chegou a estas alturas e quem sabe até onde irá; quem sabe? A seguir falei eu. A Rua é lugar adequado à pregação do Evangelho. O púlpito também, mas pode ser ornamento...

Tinha dado por concluída a tarefa daquela tarde de sol glorioso e fiz rumo a Paço de Sousa. Ia com saudades da nossa aldeia. A tábua. A tábua aonde muitos e muitos daquelas paragens teem encontrado os meios de salvação. Nós curamos-lhes as feridas ali. Quantas almas não teem dado glória ao Pai Celeste, por verem com os seus olhos como nós nos vergamos, para os apanhar do chão, — quantas! E' a força do Novo



Os vendedores também gostam de ler...

Mandamento. E' o incendio. Só quem arde é que queima. O fogo que Jesus trouxe. Eu ia cheio de imagens, enquanto percorria a distancia de trinta quilómetros que nos afastam da cidade. Ia ocupado com grandes pensamentos. O nosso mecanismo interior, é maravilhoso e misterioso. E' obra de Deus e basta. Os chamados cientistas, devem começar por esta convicção se quiserem ser verdadeiramente sábios. Aliás, permanecem uns eternos confundidos e espalham a confusão. Sim; o meu espirito ia cheio. E' doce viver-se de realidades. Eu tinha visto com os meus olhos e apalpado com os meus dedos. Parece que me deveria encontrar imerso em penas pelo que acabara de ver e de ouvir; fôra uma tarde de duras experiências. Parece sim; mas não. Há outros que sofrem mais em suas vidas e suas fazendas. Quem são eles? Os que *passam ao largo* e deixam correr, quais levitas da antiga lei. Os conformistas poderosos e influentes. Para esse mundo, sim, vai toda a minha pena. Quanto aos habitantes dos *Barrêdos*, esses ou nasceram ali ou vieram de outros *Barrêdos*. Nunca experimentaram nem desejam outro modo de viver. Estão conformados. Mais. Aceitam e afeiçoam-se. Exemplo: Um dos nossos a quem, por esquecimento, não queimamos a roupa na hora em que chegou, foi visto a despir a que lhe deramos e a vestir de novo a que deixáramos afeitos. Mais ainda: E' só porque queimam as barracas, ao transferir para novos bairros a gente pobre que ali mora, que esses mesmos não regressam à entulheiral. Estão afeitos. Estão conformados. Nós é que não. Nós é que devemos ser os poderosos *não* conformistas. O nosso ardor de cristãos de acção, tem de ser a labareda que destrua as montureiras humanas. E depois de queimadas, temos de curar as feridas que vêm de muito longe, com o óleo da persistência e da caridade, isto é, convencer estes nossos irmãos do

Mais Lisboa

Igreja de S. Domingos. Missa das nove e das dez e das onze e das doze e das treze. Uma carapuçada de notas. Meia raza de cascalho. Foi-se a ver. Vinte e três contos.

Igreja de S. Sebastião da Pedreira. Missa das nove e dez e onze e doze e treze. Foi-se a ver: Dezassete contos.

Antes tinha estado no Ministério das Obras Públicas. Uma palavrinha ao Ministro. Uma carta sintética sobre a mesa de trabalho, a dizer o que fizemos o ano passado e o que propomos fazer este. Palavras breves e sumarentas. Os Ministros sabem. Eles desdobram, que este é o trabalho da inteligência. Foi-se a ver: Trezentos contos. E mais nada.

O que nos dão no Tojal

Já lá vai um ano que acendemos o lume nesta casa, disse P.^e Adriano, e, graças a Deus, este lume queima já hoje um grande número de almas e ameaça alastrar-se mais, muito mais...

Lisboa vai conhecendo e vai amando. Chegamos todos os dias cartas grandes relatando casos tristes de crianças que sofrem males de que não têm culpa. Às vezes até custa lê-las por sabermos de antemão que não pode ser decisiva a nossa resposta. Mas, a par destas chegamos outras mais consoladoras. Trazem o sustento destes que hoje temos. São os donativos que elas anunciam ou trazem. Sim, os preciosos donativos, fruto de generosidade de quem ama com verdadeiro amor. Eles vão garantindo a sustentação dos nossos. Eles, não; a Providência por meio deles.

O primeiro do ano abriu com alguém que fazia acompanhar desta nota «venho desobrigar-me» uma outra nota de quinhentos. Duas notas simpáticas. No Banco, outra de igual quantia, possivelmente fruto dum amor igual para com estes pequeninos.

Outra nota ainda, mais pequenina—50 escudos—para a reconstrução da nossa igreja paroquial. Quem dera que todos os desta terra acertassem o passo com este senhor, não pela nota que deu, mas pelo interesse e desejo de a ver reconstruída.

Nós temos pressa na igreja, sim, mas temos mais pressa nos cristãos que a hão-de utilizar. E são ainda tão poucos...

Mais vinte escudos em carta e outro tanto de alguém que paga a sua assinatura.

A J. N. de Oleaginosas acode-nos com 240 redondinhos. Acode-nos, sim, que o caso não é para menos. Trata-se de fogo, o fogo de quem ama.

Mais um embrulho de roupas do Porto para o Presidente. Tem cinco anos. Chegou-nos há meses com um irmão. Sabia apenas sorrir e chorar. Agora já vai dizendo alguma coisa, já corre, já brinca, já se lhe vê no rosto estampada a alegria de quem tem garantidos o pão de cada dia e um leito bem aconchegado para dormir.

Os empregados da Vacuum não falharam. Trabalham por amor, aí está o segredo de tanta pontualidade no cumprimento dum dever que eles próprios se impuseram.

Do Grémio dos Produtos Químicos, quatro contos e meio. No Banco 1.755 deles e mais 342 de visitantes.

O Montepio continua a ser a fonte principal. Os de Lisboa lá vão desobrigar-se. Depois a senhora D. Irene alivia a fonte e despeja para este mar de precisões. De lá vieram quatro peças de flanela e embrulhos de roupas e livros e agasalhos e assinaturas e colheres. Setenta colheres. Veremos o tempo que duram. Os nossos são mais liberais que conservadores.

Em S. Domingos, quinhentos e, no hotel Francfort outros quinhentos. Gente que dá e esconde a mão para que a vaidade não estrague o mérito da oferta.

De Estarreja vieram seringas. São precisas, é claro, mas melhor era se o não fôssem. Temos tanta doença moral que de boa vontade dispensávamos as físicas.

Os visitantes não se esquecem, continuam a marcar presença. Trezentos e um limpos.

Da Manutenção Militar chegou-nos um cordeiro. Não veio substituir o furtado borrego do Manteigas porque esse papel, reserva-o ele para um outro que, segundo crê, não tardará muito.

Feijão! Chegou-nos um saco dele. Estão aliviados por alguns dias os cuidados da Governante. Se alguém mais tem dó dela, tem maneiras semelhantes de a aliviar. Podem ser iguais, mas é melhor variar. Grão de bico já serve...

Mais uma caixa de garrafas de Vinho do Porto dum Setubalense. Outro que se esconde.

Outra vez os visitantes a marcarem presença com 720 escudos.

O peditório de S. Domingos trouxe-nos cerca de 23 contos.

Igreja cheia a todas as Missas. Pai Américo a lançar o fogo. As almas a arder. Todos vibram, todos sentem, todos querem amar a criança abandonada. Aí está: cerca de vinte e três contos.

Cem quilos de óleo de fígado de bacalhau. Apenas chegou começaram logo a tomá-lo. O Tortas faz cara feia e não quer, mas depois lá vai. O Príncipe toma-o e até já parece outro. Anda rosado, tem mais vida, tem mais graça.

Mais dois pares de sapatos, um plover do Estoril e seis lenços com a nota «pode usar sem receio».

De um senhor que vem até nós sempre que pode 14 dúzias de lápis e cadernos escolares e blocos de apontamentos e colheres. O remate é

feliz, cheira a refeitório. Venha. Venha sempre.

Mais 1.025 de visitantes que se não esquecem e 320 de assinaturas e ainda 200\$ vindos de Santarém.

Da Vacuum mais 1.130\$00. A chama não afrouxa, pelo contrário.

Ainda na Vacuum 200 escudos e um par de ricas botas para o Presidente. Ele não é o príncipe, mas estou a ver que o quer destronar. Não tem as honras do título, mas em preferências dos Senhores vai-lhe na dianteira.

Mais cem escudos de alguém que não quer ser visto para que os homens não elogiem aquilo que faz apenas por amor de Deus.

De uma colecta entre alguns colégios vieram-nos 131 escudos e 55 de estudantes que nos visitaram. Os estudantes a serem mestres, a darem lições...

Ensinam bem, ensinam a generosidade. Aqui não é mal usurparem as funções do mestre. Podem continuar. A paga é cem por um e a vida eterna.

De um Senhor estrangeiro, pelo menos assim parece indicar o nome, uma nota de meio conto.

Mais dez lençóis. Sim, roupas de cama. Este acertou com as nossas precisões.

Mais figos secos e papagaios e livros e latas de alguém que é crónico na oferta.

Quase tudo isto dádivas de quem não conhece os pequenos, mas lhes quer desta maneira.

O fogo alastra, promete alastrar e queira Deus que alastre sempre.

P.^e LUIZ

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 A nossa quinta vai ficar como antigamente. De Setúbal, vieram mais de 100 árvores e 1.500 bachelos que já estão plantados. Também vieram de Azambuja, quase 1.000 árvores florestais que também já estão plantadas. Foram oferecidas pelo Ministério da Economia. Se pegarem, vamos ter fruta à farta, o pior é se não chove...

Quanto a animais, também vamos menos mal... Nasceu um cordeiro. Deram-nos uma cabrinha. E, agora, mais uma ovelha para o Octávio, chama-se Octávia. São, portanto, 7 cabeças! Tudo dado. E' o Pardaleiro da Arrábida que anda com o rebanho.

Os bois venderam-se porque comiam muito e estavam mancos. Na quinta-feira, vamos à Malveira comprar uma junta. Gastaremos muito dinheiro... mas, se chegar, também compraremos uma vaca leiteira.

Coelhos, são às ninhadas. As galinhas e as patas desataram a pôr. «Ainda não encheram o palácio»... como dizia o Octávio. Já vamos comendo, cada um o seu, mas, só ao domingo... São logo, 60 de cada vez... E' uma alegria!...

Os porcos são sete, mas, ainda esta semana, se vai matar o que veio do Alentejo. Porém... não chega para nada. Como os outros são pequenos temos de comprar mais um ou dois gordos para matar.

2 O nosso documentário foi correr a Loures. Foi muito bem recebido. Fomos lá uns poucos e vendemos todos os jornais que cá havia. Ia sucedendo uma tragédia... Fomos no Overland. O «chauffeur» não tinha carta. Nem livrete... foi apanhado pela polícia. Mas ele disse tantas coisas que conseguiu safar-se. O polícia multou-o só por não ter livrete. Quando ele foi para lhe pagar, o polícia ria a bom rir por causa do que acabava de ler no Famoso. Neste o Pai Américo contava a sua viagem de avião. Por isso, o polícia exclamou:—«Agora é que ele consegue safar-se dos «Canários».—Desconfiamos que ficaram mais nossos amigos... porque já vieram ver a nossa casa...

3 Outra notícia, mas esta mais triste: fugiu o Carlota. Foi maluqueira que lhe deu. Se ele não quiser tornar à cadeia como dantes, ainda há-de voltar. Os pintassilgos ficaram tão tristes, que começaram a morrer. Era ele que os tratava...

Mas, não faz cá falta, porque vieram logo outros rapazes... O que chegou de Portalegre, por birra, não quer comer. Vai ficar com o nome de Gandi.

JOÃO PEDRO.

Do que nós necessitamos

Encomendas. Encomendas postais. Ele roupas. Ele medicamentos. Ele comestíveis! Tarifas da C. P. das mais variadas coisas e também variadas proveniências! E uma estrada. Uma nova estrada para Paço de Sousa, aberta pelas forças invisíveis do teu coração! Oh homem, levanta as mãos e adora!

Ontem, em Lisboa, uns senhores perguntaram-me se eu é que era o P.^e Américo. *Sou, pois. Sou eu.* Os homens declararam-se *uma voce* ateus e *uma voce*, admiradores deslumbrados da Obra. Não são nada ateus. Não há ateus. A admiração está dentro deles. O deslumbramento está dentro deles. A obra também é deles, por ser uma obra totalmente cristã e eles serem cristãos. Levanta as mãos e adora, oh homem!

Passando agora às coisinhas terrestres, vamos às sardinhas. Aos filetes de peixe. Temos tido ultimamente pequeninas remessas deste artigo e devo confessar que a prova que ele, artigo, tem feito, está acima de toda a descrição; pelo que se pede aqui mais. Mais sardinhas. Mais filetes. Não há-de ser fácil. Os conserveiros enjucaram e agora só à força. Só pela força. Porém, pode ser que haja ainda uma ou outra pequenina industria do género, capaz de se lembrar do seu Semelhante, por modesta. Pode ser sim. E' desses que nós esperamos mais conservas de peixe. Mais roupas de Coimbra. E' um lençol. Um lençol de linho caseiro. Eu cá dizia que não. Que não esperava destes o que foi das toalhas. Sim, dizia. Mas era ignorancia. Quem pode medir o tamanho dos corações? Este, de linho caseiro, trazia uma pequenina moeda d'ouro. Escolta! Mas há uma outra escolta. O lençol de linho, veio em marcha triunfal. E' esta carta. Ora tenham a bondade de ler:

Seguiu hoje pelo correio um lençol, (acudindo ao apelo que V. faz no ultimo «Gaiato») ele vai cheio dum grande desejo de uma peça de pano, mas como não posso pois pertencer aos remediados e tenho quatro filhos; limito-me a dar um lençol, mas, que é dado com a maior vontade: dentro das dobras do dito vai uma caixinha com uma pequena moeda antiga que envio para ajuda da compra da tipografia dos meus irmãos em Cristo, como V. muito bem disse na Emissora Nacional e que eu escutei comovidamente. Tanto o lençol como a moeda foi-me deixado por pessoas de familia de saudosa memória, e sendo assim atrevo-me a pedir uma pequena oração pelas suas almas.

Só o amor, só o amor dos irmãos em Cristo é capaz destas violências. Toda a carta é uma oração a pedir orações. E' no altar; é no altar da nossa capela que eu me desobriço destes cometimentos. Ali nos encontramos todos. Eu acredito na igreja católica. Eu sou da comunicação dos Santos. E' da nossa capela que nasceram as oficinas e o refeitório e as escolas e o hospital e o campo de jogos e o balneário e a alegria e a mocidade e a fama de uma obra unica implantada em Portugal, por ser uma obra cristã.

Mais roupas de Pombal. *Esta roupa é de gente sã*, eis a carta de recomendação. Isto também é ouro. E' interesse e cuidados pela saúde dos que foram doentes. Também é ouro. Mais lençóis de Tomar. E eu a dizer que não! Eu a pôr limites ao coração dos homens. Eu, mesquinho, a querer medir o infinito!!

Agora atenção. Muita atenção: Quem tiver o numero 83 do Famoso e não precisar dele, há um senhor que geme por este numero, para a sua colecção. E' um assinante do Porto. Vamos a ver.

Mais 40\$. Mais 20\$. Mais 50\$. Mais roupas de Salzedas. Mais ditas de Ourém. Mais 180\$ de Lisboa da Junta Nacional de Marinha Mercante! Agora sim, que temos uma Marinha Mercante! Eu sou do tempo em que não tínhamos nada. Quizera dizer ao mundo a alegria que sinto, quando vejo nos jornais a notícia e a estampa de uma nova unidade, quizera dizer. Sòmente sabe apreciar quem puder comparar. Eu sou do tempo em que Portugal não tinha nada.

Mais de *Os Ridículos* a quantia de 621\$60 e uma tarefa no senhor visconde. Mais um fato soberbo da Granja. Sim; fatos. Nunca se nos acaba aqui a necessidade de fatos. Nós jamais poderíamos dar fatos novos da qualidade dos que nos oferecem,—usados. Mais uma pancadaria de livros deixados no Depósito. Eram dois pacotes. Quem teria sido o oferente?

Um rapaz veio há dias pedir um livro.
—Que livro queres?
—Um livro que me faça bem!
E' um rapaz de 19 anos, amigo de ler. Dei

(Continua na 3.^a página)

A NOSSA TIPOGRAFIA

Mais noticias dos nossos irmãos

Continuação da 1.ª página

Atrazado . . . 81.700\$00

E de Figueira de Castelo Rodrigo. E' um advogado. Não se esperam pleitos, naturalmente; a coluna é de paz. Mas que venham mais advogados. Eles não levantam questões; tomam conta delas. E de Algures. E do Porto. E' de uma Mãe, no dia dos cinco anos de sua filha. *Que Deus me guarde que só tenho esta e já perdi um.* Desabafos. Aqui tudo vem bater! E de Gouveia; é um Notário. Sim senhor. Todas as classes. E da Beira Baixa. E do Rio de Janeiro! *Das economias da minha mulher*, como vem a dizer na carta. São 1.300\$00. Um a valer por treze. Dantes, dizia-se dinheiro fraco, quando era do Brazil. Agora não. Da Covilhã um a valer por dois. Mais de Algures; *sou mãe de 11 filhos e viúva há 9 anos.* A carta é toda um hino de dor. Dor cristã. Mãe aflita: *Vivo hoje muito aflita porque o mundo está mau.* Eis o ponto nevrálgico desta Mãe. Ela observa. Ela extremece. E remata: *Antes quero a dor de os ver morrer em Graça do que sabê-los perversos.*

Se me fôsse dado conhecer e falar com esta Mãe de onze filhos e viúva há nove anos, muito tinha que lhe dizer. Eu compreendo tão bem aquela dor! Eu experimento e vivo uma aflição semelhante!

E de Arganil. E de Macedo de Cavaleiros. E de Alcobaça. E do Estoril. E de Coimbra. E de Monção a contar por dois. Lá está a Deuladeu! E de Gavião. Começarão agora os alentejanos a bater no peito? Já vão sendo horas! E mais de de Alcaide. E de Lisboa. E de Braga; *é importância pequenina (50\$00) que gostaria de aumentar se o meu modesto ordenado mo permitisse.* A carta prossegue: *Com a leitura do Gaiato vou conhecendo melhor o meu próximo e compreendendo as suas necessidades.* Isso. Isso mesmo. E' a Lei e os Profetas. Conhecer o próximo. Compreender as suas necessidades. Eis aqui a vida. E Espinho. E de Portimão. E de Lisboa; *Duas pobres Mãe e filha, para a nossa tipografia. Queríamos enviar mais.* Notem a maiúscula da palavra mãe. E' a filha que assim escreve. Respeito. Amor filial. *Queríamos.* Elas gostariam de ir acima dos cem, *mas não nos é possível.* Se fossem mundanas, nem a filha respeitava a mãe, nem a mãe a filha, nem davam nada para coisa nenhuma, pois tudo seria pouco para as suas coisas. E do Tamega. E da Regua. E de Vizeu. E de Castelo Branco. E do Porto, uma empregada dos C. T. T., *sinto satisfação por chegar a altura de poder cumprir o meu dever.*

Isto são brazas. Que o mundo se queime nestes estupendos heroísmos. Cada vez amo mais e mais este jornal. O que ele descobre! Outra vez Figueira de Castelo Rodrigo. E de Braga. E de Coimbra. E uma libra em ouro. E uma peça de ouro de D. José I. E de Angola; vai o Império na coluna! E do Porto. E do Porto a dobrar. E da Covilhã. E de Lisboa. E de Rezende; é um Sacerdote. E de Vila Meã. Lisboa à vista. Outra vez Lisboa; *fui tirá-los às minhas economias, mas não me sinto mais pobre.*

Mesmo que alguém, algum dia, viesse a ficar pobre por ter dado tudo, que importa? O anjo de Tobias não morreu! E de Aveiro; *sou pobre, mas tenho de dar.* E' um sacerdote. Bendita seja a pobreza amada e querida pelos sacerdotes de Cristo! E de Leiria. Os Rapazes do Seminário de Leiria dizem que não pode haver procissão sem seminaristas e lá vão eles. Sim senhor. E de Coimbra. E da Covilhã. E do Tramagal. E do Porto. E outra vez do Porto, mas isto agora é muito sério: Cincoenta Funcionários de uma repartição do Estado levantaram as mãos e disseram, *nós também.* Nunca tal se viu! E vão. Vão nas fileiras. E também de algures. E Uma de Lisboa que quer *ter o gosto de enfileirar.* E do Porto.

Tenho 9 anos e o meu irmão tem 6 anos mas queremos ser dos 5.000. Nós não damos tanto como a mãezinha desejava porque somos apenas remediados. Se todos os meninos ricos dessem 50\$00 cada um d'aqui a pouco tempo estava a nossa tipografia paga.

Os alvitres são cada vez mais alliciantes. Vejam este de uma creança de 9 anos! Quem resiste?!

Há dois Senhores no Porto, amigos da primeira hora, que me disseram, quando eu dei a encomenda: *Se você se vir atrapalhado nós estamos aqui.* Pois estão, sim senhor, mas primeiro as creanças. As de 9 anos. As de 6 anos. Elas é que

têm a palavra. E' de Lisboa. E um do Porto com 150\$00. E de Ponta Delgada é uma. E' a primeira a falar. Estava já receando que os açorianos se desinteressassem, quando chega a notícia. *Muito obrigada pelas lágrimas que me faz chorar,* diz a carta. Não sou eu; é mas é o seu coração. E de Cucujães. E de Lisboa, *um grupo de modestos funcionários para tranquilizar o senhor Rodrigues.* Eu acho que ele dorme bem as noites... Mais razão tenho eu de estremecer, e vou dormindo. O Júlio já entregou 3 prestações; Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Ele é o gerente do Lar do Porto. E' o topa-a-tudo. Ele é que vai e traz o recibo. Eu chego a casa e conto. Conto ós rapazes as alturas em que o negócio vai. Tenho-me dado bem assim. Eu conto-lhes tudo e eles contam-me tudo! Ora eu estava ontem na redacção a mostrar o recibo e vai assim um d'eles: *Olhe lá. Cautela. Será bom não darmos mais dinheiro sem termos em casa a tipografia.* Eles vigiam e zelam o que lhes pertence: *olhe lá!* E do Dafundo. E do Ervedal da Beira. E por vale do correio. No lugar do remetente lê-se: *Um casal que quer pertencer aos 5.000.* Um casal! E' o primeiro. Devem ser muito unidos para assim se amarem tanto. Querem ir os dois.

Ora vamos a traduzir:

Atrazado . . .	81.700\$00
Hoje	12.900\$00

Soma 94.600\$00

Faltam 405 contos.



Os três amores do Cidral

Do que nós necessitamos

(Continuação da 2.ª página)

graças à Providência por ter dado àquele jovem um tão doce apetite: *um livro que me faça bem.* Quão fácil não é de curar os males; quão fácil perseverar no bem, quando os doentes desejam e pedem por si mesmos os remédios, — quão?! Mais livros. Nós necessitamos de livros e livros. Mais um lençol da Povoia de Varzim. Mais roupas de Vizela. Mais de Lisboa; *tudo muito velhinho mas de pessoa saudável.* Eis aqui o seu verdadeiro preço. Mais roupas, *de um menino de 12 anos.* Mais do Porto um fato. Mais da gravataria Paris de Lisboa uma data de peugas das berrantes. Ninguém queira saber o que tem sido aqui na aldeia a notícia da chegada delas, — ninguém! Eu prego-lhes vezes a miúdo o chinelo. A categoria. O Amor ao que lhes é dado. Prego, sim, mas o mundo é contra. Os senhores querem ouvir? Um deles, há dias, comprou umas luvas! Ele é carpinteiro!! Reuni capítulo. Desanquei. Proibi. Vamos a ver.

Mais roupas da Régua. Mais de Monte Redondo. São lençóis. E eu a dizer que não! Oh mesquinhez!! Mais peugas de Coimbra, das berrantes, oferta de um grupo de estudantes.

Mais um par e mais três pares de peugas para o Piriquito... perdão. Para o Moreira. São do Porto e de Gaia. Alto, meus senhores. Alto. Parem com as meias do senhor António da Silva Moreira! Eu já não posso mais!! E de Lamego roupas. E da Régua roupas. E mais nada.

asseio e decoro da vida, levá-los a amar a sua dignidade de homens, o respeito por si próprio e o conhecimento de Deus. Dar-lhes o olhar de Jesus Nazareno. Como não deve ter-se sentido grande e feliz aquele espoleado que o Samaritano ergueu do chão e curou as feridas que os ladrões lhe haviam causado?! Como? Ora o Samaritano é Jesus.

As montureiras. As montureiras humanas! Por elas, têm penetrado na Europa a invasão dos novos bárbaros. Eles não podem, nem querem, nem sabem destruí-las, mas elas são o argumento. Elas são as peles de cordeiro com que aqueles lobos se vestem. Pois que a Igreja se levante. Tem de usar outros processos, porquanto os bárbaros de hoje não são como os da Idade Média, mas somente Ela, a Igreja, os pode chamar; e é pelas montureiras que o há-de fazer.

Um Bispo de Coimbra construiu em tempos um bairro operário. Não se punha, então, a questão social, mas o Bispo já a via. Lá está o pequenino aglomerado de casas cheias de sol. *Que tem lá moradores que são contra a Igreja,* ouvia eu dizer quando por ali andava. Isso que importa? Fez o Bispo o que devia e faz o povo o que costuma. Nem aquelas palavras nos condenam. O que nos condena é a omissão das obras. Sim. Construiu o Bispo de Coimbra um bairro operário. Dizem os jornais de agora, que o Cardeal de Milão anda interessado na construção de casas para pobres, tendo-se despojado ou querido despojar da sua cruz e anel. Assim vencemos. Nem armas nem diplomacia. Amar. Amar os nossos irmãos.

NOTA DA QUINZENA

Mal diria eu o que estava para me acontecer após a minha primeira viagem nos aviões da TAP. Mal diria eu! Foi logo na segunda. Foi no Porto. No escritório da Companhia, ao Sá da Bandeira. Uma bomba! Estava mais gente, mas só eu fui o atingido. Explodiu na maré em que me preparava para dar o dinheiro da passagem ida e volta. Por ordem superior pode v/ viajar nos serviços da TAP sem encargos. Pronto. Eu ia morrendo... de alegria!

Dita a graça vamos à doutrina: Temos aqui mais uma vez afirmada a bondade natural dos homens. Dos homens inteligentes, bem nascidos, equilibrados. Do homem cristão. Os Senhores da Direcção da TAP certamente nunca viram; e se viram nunca falaram com o Padre Américo. Eles não atingem a pessoa com esta inédita facilidade de deslocação. Não é a pessoa. E' a Obra. Eles fazem-na Sua. Desejam todos as facilidades para ela. Também eles gostariam, se tal missão lhes fôsse dada, de beijar em primeira mão a creança dos caminhos. Desejariam, sim. Mas porque outros deveres os chamam Eles vão, e não se esquecem. Eis aqui a prova: «Pode viajar». Mais doutrina: Temos aqui a recompensa. Um sinal positivo da recompensa de Deus aos que, por Seu amor, servem quem não pode retribuir. Talvez outros, por outros títulos, tenham sido igualmente contemplados; mas, ninguém, com tanto amor. Noto isso na inexcusável cortezia do Comandante e mais Pessoal de bordo. E' a recompensa.

Mais obras sociais cristãs ao serviço da Humanidade. E' a verdadeira Doação. Foi isto que Jesus deixou ficar aos homens. Amai-vos assim como eu vos amei. Quanto mais fieis à herança mais felizes.

Lêde e propagai
"O GAIATO"

Isto é a Casa do Gaiato

AO entrar, há dias, na Casa do Tojal, vejo duas galinhas com pintainhos, no pátio interior do que foi outro palácio de Santo Antão do Tojal, e hoje, é a humilde Casa do Gaiato de Lisboa. Lá andavam as duas galinhas a procurar de comer, com um rôr de pintainhos atraz. Quedei. Será assim com toda a gente?! Comigo é. Não posso ver a vida que não extrema de alegria. Vida pequenina. Vida dos seres pequeninos. Já ao passar por Miranda, eu tinha parado a ver e a gozar o mesmo espectáculo. Aqui, em Paço de Sousa, são os mesmos costumes. Venho agora de dar uma volta. Não faltam as galinhas e mães. Não podem faltar. Numa obra de tanta vida, não pode faltar a vida. Os nossos rapazes não sabem dizer o que sentem, mas eu vejo o que eles sentem quando passam e falam dos pintainhos. E falam aos porquinhos. E falam aos toirinhos e falam a tudo quanto nasce. E' o lausperene da natureza!

Tivemos cá um pequeno; o *Infante*. Logo lhe puzeram aquele nome, para o distinguir do *Príncipe*.

Pois bem. Poucos dias cá esteve. Era impossível. Não havia controle. Chamou-se a Mãe. Mas o meu menino é mau?

O menino dela não é mau, já se vê. E' menino de creche.

Se todos falam aos seres irracionais com meiguice inenarrável, quanto mais ao *Infante*. Eu não sabia que ele tinha chegado. Vi-o ao colo de meia duzia, acompanhado de muitas duzias, que vieram ao meu encontro numa grande confusão de vozes: *olhe o nosso menino!* Era isto que se distinguia no meio de tanto falar!

A vida pequenina. A vida inocente. A vida que começa. Oh vida, quanto te amo! Afirmação da Vida Increada. Lausperene ao Creador!

De onde vem às nossas almas a alegria, de vermos tudo quanto nasce? A graça de tudo quanto é pequenino. De onde? Senhor, ensina os homens. Só vós sois Mestre. O Mestre. O que nos alegra é a confissão implícita ou explícita do vosso poder creador. Nós gostamos de ver a vida afiançada. Quer seja o *Infante*, quer os pintainhos, quer os toirinhos, tudo são fiadores da vida.

ONorberto resolveu ir à feira dos 7, à Senhora do Vale, comprar maçãs para mim. Ele sabe que eu gosto delas. O Norberto é meu amigo. Esteve aqui agora mesmo a dar contas. Trazia uma cesta cheia. *Também comprei tangerinas.*

E comprou. No meio das maçãs viam-se muitas tangerinas. São docinhas; a mulher deu-me a provar. E ficou com muita pena de eu não provar naquela maré. Esteve um bocadinho ao pé de mim a contar coisas da feira, e retira-se muito contente, a dizer o seu propósito: *agora vou contar e guardar.*

Se já antes o fazia, quanto mais agora com a segurança da corrente e da argola de chaves?!

Quem soubera fazer molduras para quadros de tanta beleza! B como é doce fazer amigos dos que andavam por lá sem eles?! *Prove que são docinhas.* Ele queria que eu provasse uma tangerina e dá a razão do seu querer. São doces. *Docinhas*, disse, para terem mais doçura!

Oh Mães; estreitai os vossos filhos! Amai a graça incomparável da Maternidade!

HOJE, à hora de recreio, estava uma data dos nossos mais pequenos a espreitar o aviário. Alguns eram *Batatas*. Estavam sem nada dizer. Olhavam. Olhavam para os passarinhos. São assim os quadros vivos. Não dizem nada. Nós é que dizemos. A palavra é nossa. Palavra interior.

AQUI há tempos houve uns abusitos por via do leite. Houve sim senhor. Moreira à frente e outros como ele. O leite é pouco. Os rapazes são muitos e todos morrerem por mais, daí os abusos. Foi-se a tribunal. Uma palavrinha curta: *Doravante só toma leite quem apresentar documento do senhor doutor.*

Quem havia de ser o primeiro a ir ao senhor doutor pela cata de ordem, quem havia de ser? O senhor Moreira. Foi o senhor Moreira! Outros também lá foram, mas tiveram a mesma sorte. O nosso médico é seguro...!

O Moreira chegou a forçar: *olhe que*

eu sou muito fraco senhor doutor. Dê-me leite. O médico não lho deu. As cunhas nascem assim. Quando são muitos a querer uma coisa e essa coisa não chega para todos, — aí vem a excellentissima senhora dona cunha. E' uma das creaturas mais faladas no país.

OUTRA vez o Norberto. Sabido é que ele me foi comprar maçãs à feira dos 7 e agora dá-mas por conta às merendas. Tem um livrinho, aonde dá baixa, à medida que se vão gastando e tira-as da gaveta. Esta é a de um armário que temos no refeitório. Há ali mais armários e mais gavetas, das quais Norberto é o importante claviculário. O chuveiro. Ora muito bem. Até aqui, nada que seja novidade para os meus leitores. A novidade vem agora.

Como eu tivesse notado um cheiro estranho nas maçãs perguntei. *Nada, diz o rapaz. Não é nada. Cheira a maçãs.* Isto foi à merenda. A' ceia, também tenho uma maçã. Norberto vai ao

armário e traz a maçã do estilo. O mesmo cheiro pronunciado. Não era só eu a notar. O Sejaquim também, e os cegos teem bom olfato.

— Só se fôr dos sapatos, diz Norberto.

— Que sapatos?

— Os meus sapatos. Eu escondi-os na gaveta com medo do Miguel que mos quer roubar!

ORodrigo é alfaiate. E' um rapaz que promete pelo seu aprumo.

Nunca veio ó tribunal! E' alfaiate e fez ele mesmo o fato Je um corte de fazenda que há dias lhe dei. Hoje, domingo, no fim da missa veio ter comigo. Fato novo. Sapatos novos que ele muito e muito gabou, olhando para eles e levantando o pé para que eu também olhasse. *Olhe que bonitos!* Um lenço de três pontas no bolso próprio, uma delas a cair pelo peito abaixo e no meio uma caneta de tinta permanente, com um aro verde. *Penteado. Cheinho. Feliz.* Vinha pedir uma coisa: se eu o deixava

ir ó Porto ver o Porto. E' o meu clube. E' a minha côr. *Olhe o distintivo.* E mostrou o distintivo na lapela.

Sim. Podes ir. Que outra coisa poderia eu ter dito *aquêle rapaz, naquela hora?* *Podes ir.*

Correu a noticia. Norberto appareceu. Quer falar. Sabe o que quer, mas não sabe como pedir. Mastiga. Embrulha. Por fim disse. Também ele queria ir mais o Rodrigo. E' o seu clube. *Eu sou afe-roadissimo. Não podes ir.*

A' meza falou-se da pretensão do Norberto e da minha recusa. Diz assim um deles: *Fez bem. Fez bem não deixar. Ele troca os clubes por merendas.*

ONTEM houve ao jantar um ovososido para cada bico. Cento e sessenta e cinco bicos, cento e sessenta e cinco ovos. Contas boas de fazer. Nós estamos com uma média de cento e oitenta deles por semana! Isto é que é! Grandes, de um amarelo claro, tão lindos! Gosto de ver estes ovos. A beleza de um cesto de vime cheio deles, é alimento da vida e riqueza da vista! Gosto! Alguns rapazes por enfracados, comem à merenda ovos estrelados com migas. Um prato cheio. Um prato sério. Um prato de fazer carne e ôsso. E' assim que nós pintamos os nossos rapazes. Tu, é com drogas.

E já que falo em ovos, vou dar mais noticias de ovos. Ovos das duas garnizes que se encontram actualmente no aviário, por causas já expostas. Eu cuidava que as duas galinhas eram do Moreira, mas não. Uma é dele e outra é do Rio Tinto. Sucede que há apenas um só ninheiro, aonde estavam ontem quinze ovos, e aqui é que se levanta a poeira. De quem são os ovos?! Moreira, que são todos dele. Que só a galinha dele é que anda a pôr. Que ela já tem três anos e que a do Rio Tinto é franga e não põe. Rio Tinto, que não. Que a dele já põe. Que também tem ovo no caixote o que não sabe é quantos. E' pronto. E quem os paga todos sou eu, porque tudo isto vem sobre mim. *Schre os meus ombros cansados. Até quando Senhor?!*

HOJE dirigi-me à Redacção com uma caixa de filmes, a ver qual dos quatro havia de ir ao Porto entregar na Foto-Stand, e agradecer o favor de nos terem proporcionado com eles, uma tal noite de cinema. Falei na necessidade de sermos pontuais na entrega, caminho aberto para uma nova sessão.

Quem pode ir? Fala o Cete. O Cete é admirável para falar. Agora é raro, mas quando veio para a nossa casa, era um gosto ouvi-lo mentir. De uma vez, em tribunal, saiu das bancadas, veio à barra e assombrou a comunidade inteira. O gesto. O calor. A decisão. *E' assim como eu digo.* E não era nada assim! Hoje não o faria. Ele mesmo deu fé do que então disse. Espero que ele ponha o seu gesto, o seu calor e a sua decisão ao serviço da Verdade. Nós temos uma capela em exercicio... Pois o Cete falou para dizer que era melhor ir eu.

— *Ande. Vá no nosso Morris. De graça ós senhores e nós temos outra vez cinema no domingo.* E eu fui no Morris ó Porto. Fui agradecer pessoalmente. Graça não. Dar graça não. A graça é uma espécie de mentira social, que não diz bem com a simplicidade da alma.

MAL chegado de Lisboa, apparece o Faisca. Traz debaixo do braço uma caixa a qual coloca no chão ao pé de mim, desata o nó de uma fita, tira a tampa e começa a rir-se. O pequeno não falava; ria-se. Eu já tinha visto que se tratava de um par de sapatos novos; isso tinha visto, sim, mas nada mais sabia. O riso amaina um pouco e aí vem a palavra. Eu digo aqui como ele me disse. *Foi um senhor no Imperial. Perguntou-me o nome e quando soube que era o Faisca levantou-se, foi comigo aos Caldeireiros à Sapataria. Modelar e deu-me estes sapatos.*

— Tu não sabes quem é?

— E' um senhor com um risco na cara!

Olha que lindos, disse eu, tomando nas minhas mãos os sapatos. Faisca, desata de novo a rir.

— Tu disseste muito obrigado?

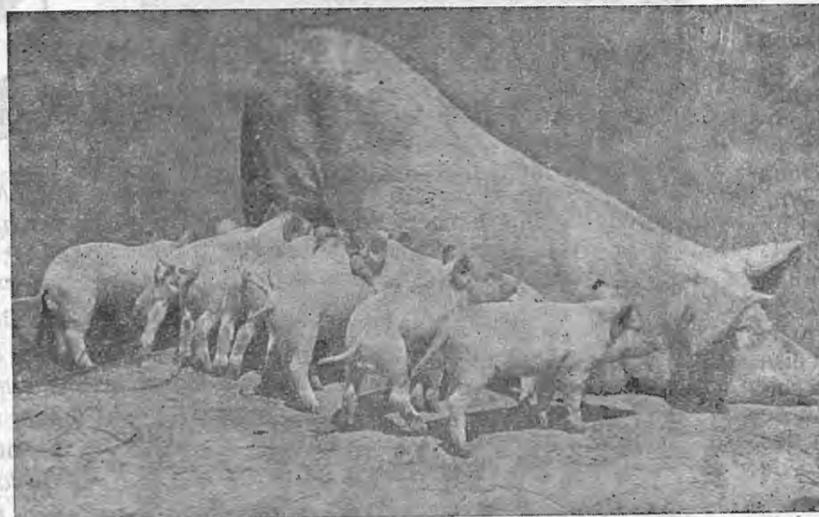
— A senhora que mos calçou disse-me para eu lhe beijar a mão.

— E tu?

— Eu beije.

— Senhor do risco na cara, também eu lhe beijo a mão.

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA



1 A nossa porca teve quinze porquinhos muito engrçados mas um deles nasceu morto, e quatro deles também já estão enterrados atraz da Casa dos humedecidos que agora em caso único serviu de cemiterio aos recém-nascidos.

Agora temos dez e parece agora já não morre mais nenhum.

Já temos outra porca nos ultimos dias da ultima cria da porca que teve porquinhos.

2 Segunda-feira de manhã demos com o Cete na sua cama. Ninguém deu por ela quando ele se deitou.

Tinha chegado às onze da noite de Lisboa.

O Cete foi a Lisboa e andou por lá quatro dias.

Ele pertence como todos sabem à redacção do famoso. Por isso ficamos muito admirados quando o vimos. A' noite fez um discurso de passagem de Paço de Sousa, Lisboa, que começou por dizer que uma das primeiras coisas que visitou foi Coimbra e depois mais para diante o Jardim Zoológico e ali esteve durante muito tempo a dizer o que viu e no fim foi muito aplaudido.

Ele visitou muitas mais coisas, que nem me chega a memória para contar.

3 Agora são as naças. Naças é uma espécie de Gaiôlo que armado e umas migalhas de borã e caçam-se melros e o que calhar para o nosso aviário. A naça já caçou três melros, e mais dois passaritos e mais um que deu à sola por estarem a espera do Moreira para dar as chaves.

4 Os livros que sirvam para a aprendizagem dos nossos rapazes das oficinas: de carpinteiro de alfaiate sapateiro e serralheiro e também para as nossas aulas de desenho. Também gostavamos de livros de desportos.

P. S.— Já temos outra porca nos ultimos dias da ultima cria da porca que teve agora porquinhos.

Eis as ultimas linhas da noticia numero um. São de Alfredo Martins, o cronista da aldeia.

Eu cá não gosto de mexer em nada que é dos outros. Não mexo, mas tenho de decifrar. Não quero charadas. Os leitores do famoso são gente de trabalho. Quem trabalha não pode perder tempo. Ora pois.

O Alfredo quer dizer que alem da porca que teve agora os quinze porquinhos, já temos uma outra, sua filha, que também vai ter porquinhos. Anda, até, nos ultimos dias. Isto é, a dos quinze, vai ter netos. Mais: Por ultima cria, saibase que o Alfredo significa ultima ninhada da dos quinze, de onde se conclue, e na verdade assim é, que ela, a tal, tem tido varias ninhadas.

Parece-me que a emenda está melhor do que o soneto e que os leitores ficam a ter umas luzes do assunto.